

A PERSONAGEM DORA EM “CENTRAL DO BRASIL”: ARQUÉTIPO PAULINO EM UMA JORNADA DE CONVERSÃO

David José de Andrade Silva

Grupo de Pesquisa em Narrativas, Jogos e Audiovisual
Instituto Federal do Paraná — Campus Jacarezinho, PR, Brasil

david.silva@ifpr.edu.br

Lívia Gonçalves Jäger

Grupo de Pesquisa em Narrativas, Jogos e Audiovisual
Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil.

liviajager@gmail.com

Luiz Otávio Alves de Gouvêa

Grupo de Pesquisa em Narrativas, Jogos e Audiovisual
Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil

luizoag@gmail.com

Resumo

Central do Brasil pode ser considerada uma das principais obras da cinematografia brasileira e, ainda na atualidade, mantém-se relevante pela diversidade de temas e possibilidades de múltiplas leituras. O presente trabalho tem por objetivo analisar a protagonista do filme, Dora, pela perspectiva arquetípica do arco de conversão de Paulo de Tarso. Buscar-se-á estabelecer relações de simetria entre as histórias e apresentar o arco narrativo da personagem brasileira inspirado na jornada da liderança religiosa cristã. Para tal, serão utilizados escritos religiosos e a fundamentação teórica apoiar-se-á em estudos narratológicos e cinematográficos, com ênfase em roteiro. Dentre os resultados obtidos, é possível verificar que tanto Dora quanto boa parte do seu entorno ao longo da história possuem semelhanças, com referências diretas ou indiretas, à história da conversão de Paulo.

Palavras-chave: *Central do Brasil*; Paulo de Tarso; Arquétipo.

DORA’S CHARACTER IN “CENTRAL STATION”: PAULINE ARCHETYPE IN A CONVERSION JOURNEY

Abstract

Central Station can be considered one of the main Brazilian cinematography works and is still relevant nowadays due to its diversity of themes and multiple possibilities of reading. This article analyzes the main character of the movie, Dora, through the archetypal perspective of Paul of Tarsus’ conversion arc. We intend to establish symmetry relations between the stories and present the Brazilian character narrative arc inspired by the Christian leader. The study is based on religious writings, narratology and cinema study, specially screenwriting. The results

show that Dora and most movie elements point, directly or indirectly to Paul's conversion story.

Keywords: *Central Station*; Paul of Tarsus; Archetype.

1 INTRODUÇÃO

“Central do Brasil”, filme dirigido por Walter Salles e lançado em 1998, é uma das obras cinematográficas mais relevantes no período conhecido como Retomada do Cinema Brasileiro, ocorrida em meados dos anos de 1990 (Xavier, 2008). Quiçá, esteja entre os dez principais filmes na história da cinematografia nacional.

Para além da consagração em solo nacional, tanto pelo público quanto pela crítica, o que confere à película uma posição privilegiada também se deve à sua repercussão em território estrangeiro, sendo vencedora do Festival de Berlim (Urso de Ouro), BAFTA (melhor filme em língua não inglesa), Globo de Ouro (melhor filme em língua estrangeira) e indicada ao Oscar de melhor filme estrangeiro, no ano de 1999. Individualmente, a atriz Fernanda Montenegro, intérprete da protagonista Dora, foi premiada como melhor atriz no Festival de Berlim (Urso de Prata) e indicada ao Globo de Ouro e ao Oscar naquele mesmo ano.

Além do esmero técnico na produção, direção e elenco, o filme possibilita emergir temas para debates a partir da jornada de Dora e Josué (interpretado por Vinícius de Oliveira), abrangendo desde maternidade, diferenças sociais e, como se propõe no presente trabalho, alusões a questões de ordem religiosa.

Complementar a outros trabalhos que abordaram a presença latente de elementos judaico-cristãos em “Central do Brasil”, como a visão do amor trinitário (Afonso, 1999), a fé e o salvador ausente (Bowman, 2001), a busca por redenção (Solano, 2004), o signo paterno (Bona, 2007) e a replicação da Paixão de Cristo (Oliveira Júnior, 2010), pretende-se focar neste artigo a análise narrativa do percurso de Dora comparando-a à conversão de Paulo de Tarso, em apóstolo.

Para tal finalidade, a principal metodologia de análise será baseada na pesquisa bibliográfica, tendo como principais pilares os fundamentos da narratologia literária e cinematográfica, bem como obras de cunho teológico para a caracterização da personagem histórica retratada em contraste com a ficcional. Conforme colocam Aumont e Marie (2004), analisar um filme é algo interminável e não há um método universal a ser seguido, portanto, o

recorte escolhido para o presente trabalho é mais um ponto de vista dentro de tantas possibilidades, reconhecendo-se potencialidades e limitações.

Em termos organizacionais, a primeira parte do texto apresentará o conceito de arquétipo e como o Paulo de Tarso segue o legado judaico. Após, será dado foco à personagem de Dora, localizando-a nessa proposta comparativa com Paulo. Por fim, serão abordados os personagens de apoio para reforçar o quanto eles reiteram o ponto principal na discussão proposta para este trabalho.

2 DORA, PAULO E ARQUÉTIPO

Brasil (2019) destaca que é o personagem central quem canaliza todos os eventos desenvolvidos em uma narrativa ao ponto de, em várias ocasiões, ser mais marcante que o enredo em si, tanto no âmbito da literatura, quanto no audiovisual. O autor destaca que, para um(a) leitor(a), às vezes é mais fácil lembrar das características e algumas ações de um protagonista marcante do que da trama.

Nesse aspecto, a força da protagonista Dora não reside somente na atuação de Fernanda Montenegro e nas características da personagem, mas também, dentro do que é proposto para este trabalho, na inspiração na conversão de Paulo de Tarso em um dos pilares do cristianismo. Logo, para compreender parte da jornada da personagem cinematográfica, faz-se necessário debruçar-se sobre o personagem bíblico.

Para Ramos *et. al* (2012, p. 8), “[...] se levarmos em conta a influência dos escritos paulinos na formação da cultura ocidental como um todo, então ficamos com uma percepção ainda mais clara da amplitude da importância histórica de Paulo de Tarso”. Assim, não se trata apenas de uma liderança de uma prática religiosa que influenciou somente seus seguidores, mas de um missionário, cujo trabalho resultou em um paradigma social que influencia até os dias atuais o pensamento do ocidente global.

Evidentemente, a capacidade de influência sociocultural de Dora não poderia ser avaliada ou comparada com a de Paulo, até porque não há essa pretensão em “Central do Brasil”. Ela faz sua jornada pessoal que traz elementos inspiradores sobre temáticas como autoconhecimento, perdão, maternidade e tolerância, mas na própria obra ela não se torna uma liderança, pois suas ações somente dizem respeito à resolução de sua questão pessoal.

O que se pretende estabelecer aqui é a compreensão de que o *design* da personagem Dora parte de uma construção arquetípica de Paulo, cuja imagem também remete, em muitos elementos, à tradição judaica de outros personagens que o antecederam. É sabido que existem

milhares de histórias que narram um processo de redenção, conversão ou superação de uma falha de caráter. Entretanto, os elementos basilares presentes em “Central do Brasil” apontam fortemente para a jornada paulina em especial.

Uma história arquetípica, segundo McKee (2018, p. 18), “[...] desenterra a experiência humana universal, e então se encasula em uma expressão sociocultural única”. Para Vogler (2015, p. 62), “Os arquétipos permanecem incrivelmente constantes com o passar do tempo nas culturas, nos sonhos e personalidades de indivíduos e na imaginação mítica do mundo inteiro”. Logo, o embasamento arquetípico para a construção de histórias e personagens é um recurso narrativo que possibilita uma conexão mais significativa com o público partindo de temas universais que são apresentados por meio de uma situação particular.

Schmidt (2001) explana que a constituição de arquétipos em uma narrativa ajuda a estabelecer as motivações, temores e preocupações de forma distinta e facilita o entendimento do público sobre o papel de cada personagem no desenvolvimento da trama, pois evoca padrões já conhecidos desde os contatos mais elementares com esse gênero literário. Ademais, também existem ações ao longo da história que são desempenhadas por personagens específicos para a preservação da coerência e expectativas quanto aos eventos que se sucedem.

Destarte, a compreensão de Paulo enquanto uma linha arquetípica da tradição judaico-cristã necessariamente envolverá um conjunto de características que irão dialogar com uma ampla audiência e farão ainda mais sentido para quem compuser a parcela cristã ao identificar situações e referências muito próprias de suas práticas religiosas. Assim, quais são os pontos em que a história da conversão de Paulo conecta-se com outras histórias universais?

Segundo Olímpio-Ferreira (2020, p. 32), “A respeito do nascimento, infância, adolescência e juventude, dispomos de pouco material (ou quase nada) [...]” sobre Paulo. Entretanto, Furtado (2012) cogita, conforme os estudos documentais já realizados, que ele era provavelmente filho de uma família rica de origem judaica tornada escrava após uma das revoltas na Palestina e, em consequência disso, fez parte de uma das diásporas, migrando a Tarso.

Assim, estando em um lugar desenvolvido cultural e economicamente (Olímpio-Ferreira, 2020), teve acesso a uma formação educacional em uma cidade de destaque à época e uma formação religiosa com Gamaliel, um mestre respeitado na comunidade judaica (muito embora não haja consenso de esse encontro ter ocorrido). Contudo, antes mesmo de sua conversão, ele já vivia um potencial dilema, pois sua condição

financeira permitiu-lhe obter a cidadania romana, um privilégio para poucos advindo de um império que era considerado opressor pelo povo judeu localizado na Palestina, questão abordada ainda no período de Jesus por meio dos evangelistas.

O arco narrativo que aborda um personagem inicialmente em uma posição social privilegiada que, em seguida, perde os benefícios e, por fim, consegue reerguer-se, principalmente para demonstrar a vitória da força de vontade ou transformação espiritual, é praticamente uma continuidade na linhagem proveniente tanto em textos religiosos quanto em roteiros cinematográficos.

As principais histórias bíblicas seguem o mesmo percurso narrativo. Há José, filho do patriarca Jacó/Israel, que é vendido por seus irmãos como escravo e torna-se um conselheiro influente na corte egípcia. Moisés, um dos maiores profetas hebreus, juntamente com Elias, era filho de escravos e, à beira de ser executado ainda bebê, é colocado no rio em uma cesta, encontrado pela irmã do faraó e torna-se parte da família real. Davi era um jovem pastor de ovelhas, oriundo de uma família sem posses e lhe é destinado o trono de Israel. Em “Gladiador”, filme de Ridley Scott, Maximus era um general prestigiado do Império Romano que, ao testemunhar o assassinato do imperador pelo próprio filho, perde tudo e refaz o caminho até Roma para consagrar-se como gladiador.

A existência de protagonistas que, após uma experiência reveladora ou marcante, dão uma guinada radical em sua vida é de longa data e existem exemplos fartos. Sob a ótica de Snyder (2005), esse tipo de história seria classificada como *Golden Fleece* (ou o Velo de Ouro)¹, pois o conjunto de eventos que ocorrem com o personagem central são menos importantes do que a aprendizagem sobre si e as descobertas pessoais. E a forma como Paulo é constituído por elementos que facilitam a conexão com o público, se encaixa muito bem nessa categoria.

A história de Paulo localiza-o inicialmente alinhado aos perseguidores de cristãos. Ele nutre sentimentos negativos pelo grupo seguidor de Cristo ao ponto de não somente aprovar o apedrejamento público de Estevão, mas de tornar-se ele mesmo um perseguidor implacável para dar vazão à sua sede de justiça contra aqueles que desejavam subverter o judaísmo com supostas falsas doutrinas.

A opção por apresentar uma personagem inicialmente odiosa, seguido de uma árdua busca por redenção, é uma estratégia narrativa utilizada para criar empatia com o público e

¹ A tradução para *Golden Fleece* é “Velocino de Ouro”, em referência à mitologia grega que narra a jornada de Jasão e os Argonautas.

também tornar os conflitos da jornada mais difíceis. Paulo era judeu e cidadão romano, logo, seria duplamente rejeitado porque Jesus havia sido condenado pela liderança religiosa judaica e executado sob as ordens do poder romano local. As lideranças políticas de ambos governos (dominador e dominado) também não desejavam que a popularidade de Cristo se disseminasse naqueles domínios e, por isso, também passariam a perseguir os cristãos.

Em adendo, Paulo perde total pertencimento comunitário ao converter-se, pois, embora fosse judeu, era helenizado pela sua vida em Tarso, cidade com influência grega em seus costumes. Logo, ele passa a ser perseguido por judeus de Jerusalém, visto com desconfiança pelos cristãos, que um dia perseguiu, e também não era bem aceito pelos judeus helenizados. Para Furtado (2012, p. 26), “Além de Paulo, nenhum outro fariseu conhecido terá conseguido conjugar em si tantas influências contraditórias, entre Tarso, Roma, Jerusalém (e eventualmente Giscala).”

Segundo McKee, “O verdadeiro personagem é revelado nas escolhas que um ser humano faz sob pressão — quanto maior a pressão, maior a revelação e mais verdadeira a escolha para a natureza essencial da personagem” (2018, p. 106). Nesse sentido, Brasil (2019, p. 107) adiciona que “[...] a questão essencial do personagem reage/interage com os fatores externos expressos na história, provocando o conflito”. E os conflitos eram abundantes no entorno do futuro apóstolo.

Os árduos caminhos pelos quais Paulo escolheu seguir colocaram-no tanto em risco de morte quanto em um lugar único frente à comunidade cristã. Todo esse processo conflituoso posiciona-o novamente ao lado de outros grandes ícones judaicos-cristãos, como Jacó, Moisés e Davi, cada um com seus dilemas, ascensões, quedas e redenções. E é dessa carga simbólica que “Central do Brasil” se reveste e, por isso, Dora dialoga de forma tão intensa com o público ocidental.

2.1. QUEM É DORA?

De antemão, é importante reiterar que o uso de arquétipos tem como objetivo a universalização dos personagens para que sejam reconhecidos pelo público a partir de questões humanas gerais. Entretanto, cada personagem, para se construir uma narrativa nova, precisa trazer características que o diferencie de outros que o antecederam, por mais que o enredo seja familiar.

Conforme Brasil (2019, p. 47) coloca, “O ficcionista deverá criar seu personagem de modo que se exponham as características que o tornam único”. Por isso, a dualidade na

construção da personagem Dora precisa ser analisada sob uma ótica arquetípica, evocando a imagem de Paulo de Tarso, e especificamente, ou seja, tornando-a memorável tal qual nos é apresentada.

O primeiro ponto relevante de distanciamento e, por conseguinte, constituição da personagem como singular, é a ausência de informações sobre um provável passado de riqueza. Dora é apresentada como uma professora aposentada que precisa trabalhar para complementar a renda. Sobre sua família, há apenas a menção sobre seu pai (que fará parte de sua jornada de conversão), cuja relação era tão negativa ao ponto de ele não a reconhecer alguns anos após abandoná-la e, em seguida, assediá-la ao se reencontrarem pela primeira vez. Esse é outro ponto relevante de diferenciação, pois a relação com o pai, para Dora, é um ponto fundamental em sua jornada com Josué, algo que se distancia de Paulo.

Ela divide um apartamento nos subúrbios do Rio de Janeiro com uma amiga Irene (interpretada por Marília Pera) e, tanto sua aparência física, quanto figurino e personalidade expressam uma vida amargurada e sem luxos. O personagem Josué menciona essa questão a certa altura do filme e há uma cena que demonstra a primeira vez que ela passa batom para destacar esse resgate do autocuidado estético.

Entretanto, se economicamente ela não demonstrava estar em um patamar privilegiado por meio do arquétipo paulino, a personagem dominava o poder da palavra. Dora, pela sua formação no magistério, é retratada no filme, conforme já dito, como alguém desprovida de posses, mas com uma vantagem letrada muito acima da clientela que recorria aos seus serviços para escrever e enviar as cartas na Central do Brasil. Capta-se, aí, o primeiro ponto de convergência imagética com Paulo, conhecido por suas epístolas, retórica eloquente (Furtado, 2012) e conhecimento das escrituras.

Se, inicialmente, Dora aproveita-se de sua posição privilegiada para obter ganhos extras, mesmo não cumprindo com sua parte em vários momentos e, por isso, enganando sua clientela iletrada, ao longo de seu processo de conversão, passa a adotar uma postura responsável em relação a quem confiava em seus serviços. Com Paulo, ocorreu situação similar. O apóstolo não somente dedica-se à formação de comunidades da nova crença, notadamente a camada mais frágil cultural e economicamente a quem Jesus direcionou sua pregação e convivência à época, como dirige-se aos povos gentios, ou seja, não-judeus e, tal qual a comunidade de Corinto, de diversos estratos sociais (Matos, 2007).

No tocante à conversão, a sequência derradeira que mostra Dora se transformando começa com ela em uma procissão religiosa correndo atrás de Josué. Em seguida, ela o segue

até uma construção intitulada “Casa dos Milagres”, onde há várias pessoas orando, velas acesas, fotos e imagens sacras católicas, até que perde os sentidos e cai no chão. Na sequência, ela está deitada com a cabeça repousada sobre as pernas de Josué, fazendo uma referência invertida à imagem da Pietá, pintura ou escultura que retrata a Virgem Maria acolhendo Jesus Cristo após a crucificação. Paulo também cai literalmente, mas de seu cavalo, quando dirigia-se a Damasco e é acolhido por Ananias, conforme o relato bíblico no capítulo 9 do livro Atos dos Apóstolos, entre os versículos 10 e 19.

Outro ponto importante nesse paralelismo, é que a história de “Central do Brasil” gira em torno de Josué querer conhecer seu pai, cujo nome é Jesus. Dora imputa-se a missão de ajudar Josué a encontrar Jesus como autopunição após tentar vendê-lo para traficantes de órgãos e pelo menino ter recém perdido sua mãe. Em virtude de ela também ter questões mal resolvidas com seu próprio pai, sua postura é de incredulidade diante da figura paterna, logo, ela tinha pouca fé de que o pai de Josué fosse tão bom quanto o menino descrevia ou desejava que fosse.

Josué torna-se, então, um meio para que Dora persiga Jesus, seja no sentido literal da história do filme (o pai de Josué), psicanalítico (resolução do próprio abandono paterno) ou alegórico (a redenção de Dora só poderia ser alcançada após encontrar Cristo). Em qualquer um dos sentidos, há possibilidades interpretativas com substância para análise. Para o caso em tela, o diálogo com o personagem bíblico é verdadeiro.

Paulo persegue Jesus a partir de seus discípulos, com ênfase na dicotomia semântica de **perseguir**. Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o verbo pode significar “Procurar fazer mal a alguém; tratar com violência ou agressividade”, mas também “Agir ou lutar para conseguir algo”. Paulo coloca a mesma intensidade, dedicação e energia que utilizava para acossar cristãos à serviço do anúncio do evangelho. Dora e Paulo, então, não medem esforços na busca por Jesus e são tomados por essa experiência de forma impactante e irreversível, mesmo tendo momentos de dúvida e turbulência ao longo da jornada.

2.2. PERSONAGENS DE APOIO

Segundo Schmidt (2001), personagens de apoio podem ser uma grande fonte de desenvolvimento de conflitos para uma história. Nesse aspecto, Brasil (2019) alerta para que escritores e escritoras de ficção não ignorem os personagens que interagem com o personagem central. Em “Central do Brasil”, essa atenção é dada e é atingido o equilíbrio na

participação de cada personagem secundária para o avanço dos eventos da trama e suas relações com o escopo religioso aqui analisado.

Elementos complementares que reforçam a base arquetípica de Paulo, bem como dos demais personagens bíblicos citados, podem ser encontrados em boa parte dos personagens que compõem o entorno de Dora ao longo do filme. Essas participações podem ser tanto pontuais, quanto constantes ou transitórias, remetendo de forma mais direta ou velada a conexão da história paulina. Neste trabalho, serão mencionados somente aqueles e aquelas que influenciam diretamente a jornada de redenção.

Josué é o coprotagonista do filme, mas também exerce outras funções na narrativa. Inicialmente, ele é apresentado como o filho de Ana (interpretada por Soia Lira), uma migrante analfabeta da região nordeste que busca auxílio de Dora para entrar em contato com o marido Jesus por cartas. Josué não conhece pessoalmente o próprio pai, pois sua mãe mudou-se para o Rio de Janeiro enquanto ainda estava grávida. O menino somente conhece seu pai pelo que ouve falar, construindo uma imagem idealizada e defende-o com veemência quando há quaisquer menções de desqualificá-lo.

Em seguida, com o falecimento da mãe, Josué torna-se a missão redentora de Dora, que decide levá-lo de volta a Bom Jesus do Norte, município fictício localizado no estado de Pernambuco, movida tanto pela culpa por oferecê-lo a uma rede de traficante de órgãos, quanto pelo medo de ser punida pelos bandidos após arrepender-se e resgatá-lo. Ou seja, narrativamente, ele é o problema, o nó ou a questão a ser resolvida. Entretanto, conforme interage com Dora, a fé de Josué nas qualidades do pai, tal qual um discípulo fiel por seu mestre, progressivamente influencia a postura cética e cínica de Dora perante a vida e suas próprias feridas não cicatrizadas. Ele oferece, seja pela personalidade forte ou pela ingenuidade, uma nova perspectiva a Dora, uma razão para reconstruir a esperança outrora perdida.

Biblicamente, Josué auxilia Moisés ao longo do processo de libertação do povo de Israel do jugo egípcio e, com a morte de Moisés, torna-se o líder que entrará na terra prometida para reestabelecer a comunidade. Segundo a tradição judaica, Josué significa “Javé salva” (*Yehoshua*), que é base para originar o nome Jesus, mantendo o significado, mas com grafia levemente diferenciada (*Yeshua*) devido às alterações que ocorreram na língua hebraica ao longo do tempo. Dessa forma, a busca de Dora pelo Jesus ausente (o pai) é acompanhada pelo Jesus presente (o filho Josué), praticamente sendo o princípio (o motivo), o fim (o objetivo) e o caminho, pois não somente é ele que mantém Dora no trajeto, como o

nome do município ao qual se dirigiam faz referência ao Messias cristão (Bom Jesus do Norte).

No que concerne à ligação com Paulo de Tarso, o personagem de Josué pode ser comparado a Barnabé. Logo após a conversão de Paulo, no capítulo 9 dos Atos dos Apóstolos, entre os versículos 26 e 27, ele tenta juntar-se aos discípulos, que se afastaram dele pois ainda temiam que poderia ser uma estratégia para serem capturados ou punidos. Barnabé, então, não somente advoga em favor de Paulo perante os apóstolos para que este seja aceito, mas também torna-se, por um bom tempo, seu parceiro nas viagens de evangelização. No versículo 14 do capítulo 14 do livro dos Atos dos Apóstolos, Barnabé é referenciado como apóstolo, provando sua importância dentre os discípulos. Ao longo de “Central do Brasil”, acompanhamos o companheirismo e devoção de Josué que contribuem para a caminhada redentora de Dora.

A personagem de Ana seria o arquétipo do Arauto, pois cabe a ela uma missão dupla na história: anunciar a existência de Jesus e apresentar Josué à Dora. Conforme propõe Vogler (2015, p.98), “Os Arautos trazem motivação, oferecem ao herói um desafio e põem a história em movimento”.

No âmbito judaico-cristão, há duas Anas que se destacam, uma no Velho Testamento e outra no Novo Testamento. A do período pré-cristão é a mãe do profeta Samuel, que terá uma grande importância para o estabelecimento da monarquia judaica, ungindo Saul e, em seguida, Davi. Nessa narrativa, Ana é estéril e, após implorar a Deus para gerar um filho, é agraciada e livrada da humilhação por meio da maternidade. Em sua oração, ela promete entregar o filho, caso fosse um varão, aos serviços do templo.

Por sua vez, no Novo Testamento, quando o Evangelho de São Lucas narra a apresentação de Jesus no templo, para cumprir com a tradição judaica de consagração do filho primogênito, é descrita a presença da profetisa Ana como uma mulher de idade avançada e devotada às atividades do templo. Assim, no versículo 38 do capítulo 2, ao deparar-se com o bebê, ela o reconhece, louva a Deus e anuncia a todos que esperavam a libertação em Jerusalém.

Narrativamente, a personagem de Ana em “Central do Brasil” alinha-se plenamente com suas homônimas bíblicas e reitera seu papel de arauto. É ela quem apresenta e entrega o filho à Dora, mesmo que involuntariamente, para desencadear o reencontro com o pai, o que, consequentemente, sacraliza a missão. Nesse sentido, recorremos novamente a Vogler (2015, p. 98) ao concordarmos que “Os Arautos têm a importante função psicológica de anunciar a

necessidade de mudança”. Após aquele encontro, a vida de Dora não seria a mesma e ela própria, tal qual a profetisa no templo, anunciaria a salvação dentro de um ônibus ao final de sua jornada.

A personagem Irene representa o arquétipo do Pícaro, considerando que, conforme Vogler (2015, p. 126), “A energia do Pícaro pode se manifestar por meio de incidentes engraçados ou deslizes linguísticos que nos alertam sobre a necessidade de mudança”. Ela atua como a contraparte de Dora, trazendo conforto e graça à segura e frieza inicial da protagonista.

Na escritura sagrada cristã, inexistente essa personagem, entretanto, seu nome é originado da mitologia grega. Segundo Brandão (1986), Irene é filha do deus Zeus com a titânida Têmis e ela representa a paz. Apesar da aparente dissonância na construção cristã global da narrativa, além de ser aquela que traz momentos de alívio à história quando aparece em cena, a paz é diretamente relacionada com Jesus.

Em uma das profecias de Isaías que prenuncia o Messias, Jesus é descrito no versículo 5 do capítulo 9 como o “Príncipe da Paz”. No Evangelho de São Mateus, capítulo 10, versículo 12, o Cristo orienta seus discípulos a saudarem os anfitriões, que os receberem com os dizeres “Paz a esta casa”. No Evangelho de São João, quando é narrada a primeira aparição de Jesus aos apóstolos após a ressurreição, no versículo 19 do capítulo 20, as primeiras palavras que pronuncia são “A paz esteja convosco!”. Logo, uma possível leitura do arco de Dora é que Jesus já estava presente em sua vida na figura de Irene, mas como ela ainda estava tomada pelo sofrimento e mantinha-se em uma posição passiva em relação à vida, ele só se revelou completamente após sua mudança radical de atitude para um posicionamento ativo.

Outro personagem de apoio que marca o trajeto de Dora é César (interpretado por Othon Bastos), o motorista de caminhão. A passagem dele pela história é demarcada por três pontos principais: 1) provê a necessidade de Dora e Josué de alimento e transporte em seu primeiro encontro; 2) advoga em favor de Dora após o dono de um mercado desconfiar de ela tê-lo roubado; 3) abandona Dora e Josué quando ela demonstra interessar-se por ele romanticamente.

Para o cristianismo florescente, a figura de César remete diretamente ao título atribuído aos imperadores romanos que governaram boa parte da Europa, o norte da África e parte do Oriente Próximo, bem como à liderança política que subjugou, perseguiu, torturou e matou tanto judeus quanto cristãos no processo de dominação. Ironicamente, o personagem do filme é retratado como um seguidor de alguma vertente protestante, tendo pintada na placa

de trás do caminhão a frase “Tudo é força, só Deus é poder” e, no parabrisa, um adesivo colado com os dizeres “Com Deus sigo meu Destino”. Assim, é como se o personagem César já fosse a versão cristianizada do Império Romano, ao ponto de abrigar a sede da Santa Sé.

Na trajetória paulina, comparando com o filme, o apóstolo adquire o reconhecimento de cidadania por Roma (governada por César), conforme já apontado, e utiliza-se da prerrogativa de seu status para obter vantagens em algumas situações. Uma delas é a requisição de ser julgado em Roma pelos seus supostos crimes atribuídos pelos doutores da lei judeus. Quando finalmente é levado à capital do império, Nero ordena a decapitação de Paulo após este demonstrar poder para realizar milagres em nome de Jesus e converter multidões, incluindo seus soldados mais próximos (De Jacopo, 2003). Ou seja, o César do filme, por medo, renega o amor, afasta-se de Dora e opta por continuar sua relação, conforme ele mesmo diz na película, com a estrada.

Moisés (Caio Junqueira) e Isaías (Matheus Nachtergaele) são os filhos de Jesus e são apresentados no momento em que Dora e Josué encontram a casa de Jesus. Ambos os nomes das personagens são importantes para a cultura judaica. Moisés é o maior profeta, responsável pela libertação do povo hebreu do jugo egípcio, pela implementação das leis e por guiar até a terra prometida. Isaías é o profeta no período de transição pré e durante o exílio na Babilônia, além de ser o primeiro a anunciar a vinda de Jesus Cristo.

Dora já havia passado pela experiência na Casa dos Milagres, o que a preparou para finalmente concluir sua missão. Entretanto, o pai de Josué não está em casa e teria viajado ao Rio de Janeiro para encontrar Ana, conforme a carta que deixa com os filhos. Novamente, uma carta reaparece para rememorar o laço paulino da personagem na narrativa, pois ela é a única capaz de ler, por ser alfabetizada.

O que seria potencialmente uma frustração torna-se a última peça do quebra-cabeças. Na casa de Jesus, há um quadro na parede com um retrato dele ao lado de Ana e, naquele ponto da história, sabe-se que ela está morta e ele em local incerto. Os personagens Moisés e Isaías, tal qual os profetas Moisés e Elias no episódio da transfiguração na montanha, narrado em Mateus 17, nos versículos de 1 a 8, acolhem Jesus e, com isso, completam a trindade **em presença** ao receberem Josué. Dora, ao escolher ir embora, completa a trindade **em ausência** juntamente com o casal Jesus e Ana. E, em sua despedida, Dora escreve uma carta para Josué, desta vez “despojada da antiga Dora”, no mesmo espírito que Paulo coloca na epístola aos Efésios, capítulo 4, versículo 22.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de análise de obras artísticas e culturais possui uma riqueza singular devido à sua polissemia e às diversas possibilidades de abordagem conforme o aporte teórico-metodológico. “Central do Brasil” demonstra ser um filme ainda com potencial longo para inúmeras leituras, tal qual a apresentada no presente trabalho.

Buscou-se aqui estabelecer uma relação entre Paulo Apóstolo e a personagem Dora, demonstrando, a partir dos elementos narrativos do filme e religiosos, que as convergências entre os personagens são consistentes sob o ponto de vista das narrativas arquetípicas. Conforme já colocado, embora não seja um apontamento inédito, as lacunas deixadas pelos trabalhos citados abriram espaço para uma discussão que pode promover uma nova experiência de apreciação do filme.

Por fim, espera-se que o texto consiga contribuir no campo artístico, em especial o cinema, agregando novas leituras sobre obras de grande relevância para o contexto brasileiro e novas perspectivas que também suscitem o enriquecimento da continuidade do debate.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Carlos Alberto. O poder do adeus na Central do Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 9-37, 1999.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições Texto & Grafia, Ltda., 2004.

A BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**. (n.d.). Bíblia Online. Tradução Ave Maria. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria>>. Acessado em: 20/06/2024.

BONA, Rafael José. A semiótica do cinema: o signo paterno no filme Central do do Brasil. **VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul**, Passo Fundo, RS, 2007.

BOWMAN, Donna. Faith and the absent savior in Central Station. **Journal of Religion & Film**, vol. 5, issue 1, April 2001.

BRANDÃO, Juanito de Souza. **Mitologia grega** - volume I. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção**: um manual de criação literária. 1a ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DE JACOPO, Varazze. **Legenda áurea**: vida de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Disponível em:

<<https://archive.org/details/jacopo-de-varazze-legenda-aurea-vida-de-santos/page/n1/mode/2up?view=theater>> Acessado em: 25 ago. 2024

FURTADO, Rodrigo. Paulo de Tarso: em torno da origem. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Souza; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coords.). **Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão**. Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1 ed, 2012. p.13-28

JESUS, Alsileni Maria Monteiro de; OLIVEIRA, Ulicélio Valente de. O perseguidor se torna do perseguido: sobre a conversão de Paulo. **Doxia**, Serra, v5., n.8, jan-jun. 2020.

MATOS, Keila. O que a história registrou sobre Paulo, Corinto, a igreja e as mulheres no século I. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 17, n. 9/10, p. 931-948, set./out. 2007.

McKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

OLÍMPIO-FERREIRA, M. Saulo de Tarso (ou Paulo): poucas certezas de uma história incerta. In: BARACAT JR., J. C., and SILVA, M. A. O., eds. **A Escrita grega no Império Romano**: recepção e transmissão [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, pp. 27-48. ISBN: 978-65-5725-027-3. <https://doi.org/10.7476/9786557251218.0003>.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. O cinema e a geografia em um percurso de dor: a via crucis de Dora em Central do Brasil. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 33-48, 1º semestre de 2010.

Perseguir, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/perseguir>.

RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Souza; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coords.). **Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão**. Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1 ed, 2012.

SCHMIDT, Victoria Lynn. **45 master characters**: mythic models for creating original characters. United States of America: Penguin Random House LLC 2001.

SNYDER, Blake. Save the cat!: the last book on screenwriting you'll ever need. United States of America: Sheridan Books, Inc., 2005.

SOLANO, Jeanette Reedy. Blessed Broken Bodies: Exploring redemption in Central Station and Breaking Waves. **Journal of Religion & Film**, vol. 8, issue 2, April 2004.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2015.

Significado do nome Josué. Disponível em:

<https://hebraico.pro.br/r/nomes/nomsig_josuedefectivo.asp?id=7#gsc.tab=0> Acessado em: 23 jul. 2024.